

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ESTUDO FONOLÓGICO DAS OCLUSIVAS PRÉ-NASALIZADAS EM
MAWÉ

Bolsista: Yonara Cristina de Souza dos Santos, CNPq

MANAUS
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB – H – 0098/2011
ESTUDO FONOLÓGICO DAS OCLUSIVAS PRÉ-NASALIZADAS EM
MAWÉ

Bolsista: Yonara Cristina de Souza dos Santos, CNPq
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raynice Geraldine Pereira da Silva

MANAUS
2012

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Grupo de Estudos do Português Falado no Amazonas e de Línguas Ameríndias. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Grupo de Estudos do Português Falado no Amazonas e de Línguas Ameríndias e se caracteriza como subprojeto do projeto de pesquisa Bibliotecas Digitais.

RESUMO

O presente relatório final analisa a ocorrência dos segmentos oclusivos pré-nasalizados da língua indígena Sateré-Mawé, além de oferecer subsídios que contribuam para a definição da ortografia desses segmentos na língua. A língua Mawé apresenta uma série formada por três segmentos oclusivos pré-nasalizados: [mb], [nd] e [Ng]. Para a análise dos segmentos oclusivos pré-nasalizados, foi adotada uma abordagem não linear, o fenômeno da pré-nasalização também ocorre em outras línguas indígenas, também foi feito o estudo dos mesmos segmentos a partir de outras línguas do Tronco Tupi, família Tupi-Guarani (Nhandewa-Guarani e Kaiowá), e a análise acústica do Mawé. A língua Nhandewa-Guarani (Costa, 2007) apresenta uma série com quatro pré-nasalizadas, sendo dois fonemas /mb/ e /nd/, e dois alofones [Ng] e [Ngw]. A língua Kaiowá (Cardoso, 2009) apresenta as pré-nasalizadas [mb], [nd] e [Ng] como alofones dos fonemas plenamente nasais /m/, /n/ e /N/. Em Mawé (Silva, 2005) as oclusivas pré-nasalizadas foram analisadas como segmentos ambíguos, que apresentam uma fase nasal e outra oral e ocorrem após vogais nasais, constatada sua ocorrência fonética, pois são alofones dos fonemas oclusivos surdos /p/, /t/, /k/, estão de fora do inventário fonológico da língua. A escrita dos segmentos pré-nasalizados na língua Mawé só pode ser definida pelo próprio grupo indígena, o estudo servirá de subsídios para sua definição. A análise dos segmentos pré-nasalizados visa à contribuição para melhor compreensão de línguas indígenas, em especial a língua Sateré-Mawé.

ABSTRACT

This final report examines the occurrence of partial occlusive pre-nasalized segments of the indigenous language Sateré-Mawé, addition to providing subsidies that contribute to the definition of spelling of these segments in the language. The language Mawé presents a series consisting of three segments occlusive pre-nasalized: [mb], [nd] and [Ng]. For the analysis of occlusive pre-nasalized segments, we adopted a non-linear approach, the phenomenon of pre-nasalization also occurs in other Indian languages, the study was also made of the same segments from other languages of Trunk Tupi, family Tupi-Guarani (Nhandewa-Guarani e Kaiowá), and the acoustic analysis of Mawé. The language Nhandewa-Guarani (Costa, 2007) presents a series of four pre-nasalized, two phonemes mb/ and /nd/, and two allophones [Ng] and [Ngw]. The language Kaiowá (Cardoso, 2009) presents the pre-nasalized [mb], [nd] and [Ng] like allophones of phonemes nasal fully /m/, /n/ e /N/. In Mawé (Silva, 2005) the pre-nasalized occlusive are ambiguous segments, which present a phase nasal and oral and occurs after nasal vowels, noted its occurrence phonetics, they are allophones of phonemes occlusive deaf /p/, /t/, /k/, are outside the phonological inventory of the language. The writing of pre-nasalized segments Mawé language can be defined only by the indigenous group, this study just offering subsidies to its definition. The analisis of pre-nasalized segments aims at contributing to better understanding of indigenous languages, especially Sateré-Mawé language.

LISTA DE SÍMBOLOS

[] realização fonológica

// realização fonética

∪ acento

: longa

' representação ortográfica da oclusiva glotal [ʔ]

~ nasalização

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fonemas consonantais da língua Mawé	16
Quadro 2 – Fonemas consonantais da língua Mawé na oposição Soante vs. Obstruinte....	17

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espectrograma do segmento pré-nasalizado /nd/.....	18
Figura 2 – Espectrograma do segmento pré-nasalizado /mb/.....	18
Figura 3 – Espectrograma do segmento pré-nasalizado /Ng/.....	

19

RESUMO**ABSTRACT****LISTA DE SÍMBOLOS****LISTA DE QUADROS****LISTA DE FIGURAS****1 INTRODUÇÃO**

1.1 Objetivos 09

1.2 Metodologia 10

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Teorias fonológicas de nasalização 11

2.2 Abordagem não linear de Piggott (1992) 12

2.3 Estudo das pré-nasalizadas a partir da língua Nhandewa-Guarani (Costa, 2007) 12

2.4 Estudo das pré-nasalizadas a partir da língua Kaiowá (Cardoso, 2009) 13

2.5 As oclusivas pré-nasalizadas do Sateré (Silva, 2005) 14

2.6 A escrita em línguas indígenas (Cavalcanti, M. e Maher, T. M.. 2005) 14

3 RESULTADOS FINAIS

3.1 As pré-nasalizadas da língua Sateré-Mawé 16

3.2 Pré-nasalizadas formadas por processo morfofonêmico 19

3.3 Escrita e segmentos pré-nasalizados da língua Mawé 20

5 CONCLUSÃO 23

4 FONTES E REFERÊNCIAS 24

6 CRONOGRAMA 26

1. INTRODUÇÃO

A língua Sateré-Mawé é falada por aproximadamente 8.000 indígenas que habitam a Terra Indígena Andirá-Marau na divisa dos estados do Amazonas e Pará (Franceschini, 1999). No Amazonas, a Terra Indígena Andirá-Marau apresenta uma divisão: a região do rio Andirá pertence ao município de Barreirinha e a região do rio Marau pertence ao município de Maués, o presente trabalho refere-se língua indígena falada por índios da região do rio Andirá.

Classificada inicialmente como membro da família linguística Tupi-Guarani, do Tronco Tupi (Rodrigues 1958a, b), sua classificação atual é como pertencente ao Tronco Tupi, e como membro único da família Mawé.

Os trabalhos de análise linguística feitos sobre a língua Mawé são poucos. No passado foram feitas algumas listas de palavras e sentenças simples, artigos de análise linguística preliminar, feitos por missionários do Summer Institute of Linguistic (Graham, A & S., 1978 e 1984), além de Franceschini (1999), que em sua tese enfocou a morfologia nominal, verbal e constituição de bases complexas, em nível de sintagma. Silva (2005) realizou um estudo da fonologia da língua Sateré-Mawé que contemplou aspectos fonéticos e fonológicos da língua, e em sua tese (2010) realizou um estudo morfossintático, mas os trabalhos feitos anteriormente não contemplaram análise dos segmentos pré-nasalizados, numa abordagem específica para o estudo desses segmentos.

1.1 Objetivos

Um melhor conhecimento e classificação das oclusivas pré-nasalizadas em Sateré-Mawé contribui para o estudo do mesmo fenômeno em outras línguas indígenas do Tronco Tupi e para um melhor conhecimento das línguas indígenas da Amazônia, em particular da língua Sateré-Mawé (Tupi) no que se refere aos aspectos fonológicos da língua. A ortografia

da língua Mawé ainda não está bem definida nem a grafia dos segmentos pré-nasalizados justamente por não ter um estudo aprofundado. A partir de um melhor conhecimento das oclusivas pré-nasalizadas haverá subsídios necessários para uma discussão mais objetiva sobre a grafia desses segmentos..

1.2 Metodologia

Os trabalhos sobre a fonologia da língua Mawé não contemplam o estudo da realização dos segmentos oclusivos pré-nasalizados [mb], [nd] e [Ng] aqui apresentados.

Silva (2005) considerou que eles são segmentos de contorno nasal e ambíguos, devido à complexidade de sua realização.

A abordagem não linear a partir de Piggott (1992) e de outras línguas da família Tupi, como Nhandewa-Guarani (Costa, 2007) e Kaiowá (Cardoso 2008) e os dados da língua Mawé analisados a partir de uma abordagem acústica possibilitam que seja feita uma melhor análise desses segmentos.

Os dados da língua Sateré-Mawé analisados consistem no registro de expressões orais e do léxico da língua. A partir desses dados, os segmentos oclusivos e nasais foram transcritos foneticamente de acordo com os símbolos e diacríticos do IPA-2003 e analisados acusticamente com a utilização do *software Praat*, versão 5.3.

O estudo de línguas da família Tupi-Guarani, Nhandewa (Costa, 2007) e Kaiowá, (Cardoso, 2008) mostram que os segmentos pré-nasalizados recebem diferentes tratamentos, de acordo como são utilizados nas referidas línguas, podendo constituir fonemas ou alofones. A partir da análise desses segmentos nas línguas citadas, estabelece-se um ponto de partida para o estudo das oclusivas pré-nasalizadas em Mawé, bem como a comparação entre essas línguas Tupi.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os fenômenos de nasalização receberam diferentes tratamentos, de acordo com as diferentes teorias elaboradas.

2.1 Teorias fonológicas de nasalização

Quanto fenômeno simples, o Círculo Linguístico de Praga tratou a nasalização como uma das correlações possíveis que constituem pares opostos que produzem palavras distintas, o estruturalismo americano tratou a nasalidade como um fonema suprasegmental, acima do segmento, que fica especificado aguardando um segmento para que possa se realizar, como um acento em uma língua com acento previsível.

Os fenômenos mais complexos de nasalização, como é o caso das oclusivas pré-nasalizadas, receberam maior atenção da Teoria Fonológica. A Fonologia Gerativa Padrão de Chomsky e Halle (1968:317) adotou o traço *delayed release*, mas este traço soluciona apenas o caso das fricativas, pois a liberação do ar na oclusão é realizada, mas não de maneira completa, pois o ar ainda passa por um canal estreito, o que gera uma fricção, logo, não soluciona as pré-nasalizadas. Anderson (1975) e Goldsmith (1976, 1979) já postulavam que o domínio de ação dos traços distintivos ultrapassava o segmento, estendendo-se a outros domínios. A ideia de *Contorno*, proposta por Anderson (1975) considera que os segmentos pré-nasalizados não são fonemas homogêneos, mas possuem uma estrutura interna que possibilita uma mudança de valor de um traço dentro de um mesmo segmento.

A Fonologia Autossegmental desenvolvida por Goldsmith (1976) inicia os modelos não lineares e propõe a perda de relevância dos limites segmentais e apontam para processos

de espalhamento nasal e segmentos nasalizados parcialmente, o que gera os processos de harmonização vocálica e harmonização nasal.

2.2 Abordagem não linear de Piggott (1992)

Piggott (1992) propõe que o traço nasal das línguas possui dois padrões de harmonia nasal diferentes. Em algumas línguas, o traço nasal está subordinado ao nó SP (*Soft Palate*), pois as obstruintes bloqueiam o espalhamento nasal, o nó SP é, portanto, exclusivo de obstruintes, em outras línguas o traço nasal está subordinado ao nó SV (*Spontaneous Voicing*), pois as obstruintes são transparentes ao espalhamento e as soantes seriam alvos do traço [Nasal], o nó SV é, portanto, exclusivo de soantes.

Em línguas em que o traço nasal está subordinado ao nó SV, a principal oposição do sistema fonológico é entre soantes x obstruintes, e não oral x nasal (oposição característica de línguas que possuem o nó SP). Em línguas como o Guarani, Costa (2007) diz que

[..] a nasalidade é um efeito fonético de uma regra que exige soanticidade de elementos que possuem obstrução na cavidade oral. Nestes casos a única maneira de fazer soar um elemento com oclusão no trato oral é emitindo uma corrente de ar contínua através da cavidade nasal, e pronto: produziu-se uma oclusiva pré-nasalizada (uma *oclusiva soante* como disse Piggott). (COSTA, 2007, p. 57)

É o que Piggott chamou de *implementação fonética*, a língua utiliza-se da nasalidade para garantir a soanticidade.

2.3 Estudo das pré-nasalizadas a partir da língua Nhandewa-Guarani (Costa, 2007).

Entre as consoantes da língua Nhandewa-Guarani, Costa (2007) apresenta duas oclusivas pré-nasalizadas /mb/, /nd/ (eleitas representantes fonológicas), as plenamente nasais (consideradas realizações fonéticas dos fonemas pré-nasalizados) e duas oclusivas pré-nasalizadas que são alofones.

As oclusivas pré-nasalizadas do Nhandewa são segmentos de contorno com quatro elementos: [mb], [nd], [ŋg] e [ŋgw]. As consoantes plenamente nasais [m, n] são realizações superficiais (alofones) das pré-nasalizadas /mb/ e /nd/ (fonemas):

[m] b a∇?E] “o que, coisa”	[mã∇?E~] “olhar”
[mõ∇mbO] “jogar”	[mã∇mO~] “onde?”

As únicas oclusivas pré-nasalizadas que não são fonemas são os fones [ŋg] e [ŋgw]. [ŋg] é realização superficial de /k/ ou /Σ/ com contexto nasal à esquerda, pois é formada por processo morfofonêmico, bem como [ŋgw], que só ocorre na junção de vogal nasal e consoante dorsal - /k/ ou /(g)w/, além de não ocorrerem em início de palavra, o que sugere seu caráter fonético e implica sua exclusão do quadro fonológico:

[põ∪Pã] + [ka∪tu] = [põPãNga∪tu] “muito bom”
[ku/ã] + [kwe] = [kuã∪ŋgwe] “mulherada”

No Nhandewa as oclusivas pré-nasalizadas são fonemas que alternam com as nasais plenas, de acordo com o ambiente em que ocorrem: /mb/, /nd/ em ambiente oral, [m], [n] em ambiente nasal. É a variação livre, pode-se usar uma variante por outra quando não há distinção de significado.

A nasalidade do Nhandewa é proveniente de vogais nasais, que espalham nasalidade para direita e para a esquerda e consoantes pré-nasalizadas, que espalham nasalidade para esquerda, os alvos de espalhamento são outras vogais não acentuadas e soantes.

2.4 Estudo das pré-nasalizadas a partir da língua Kaiowá (Cardoso, 2009).

Em Kaiowá as oclusivas pré-nasalizadas [mb], [nd], [ŋg] são alofones das sonorantes nasais /m/, /n/, /ŋ/.

/nami/	-	[nambi] ‘orelha’
--------	---	------------------

/Nanu/	-	[Nandu] ‘aranha’
/tũNusu/	-	[tũNgusu] ‘pulga’

A nasalidade do Kaiowá é proveniente de espalhamento de traço [\pm nasal] associado aos segmentos vocálicos, isto é, existe em Kaiowá um espalhamento oral e um espalhamento nasal que vem de vogais acentuadas ou não.

O estudo dos segmentos pré-nasalizados pelos autores citados e em outras línguas do Tronco Tupi permite ter um ponto de partida para a investigação desses segmentos em Sateré-Mawé.

2.5 Oclusivas pré-nasalizadas do Mawé (Silva, 2005)

Em sua dissertação, Silva (2005) apresenta as oclusivas pré-nasalizadas da língua Sateré-Mawé [mb], [nd], [Ng] como segmentos ambíguos devido à complexidade de sua realização fonética. São fones que ocorrem em *ataque* silábico, em posição medial de palavra e nunca em posição inicial, antecidos por vogal nasal.

[jã∇ mb ≠]	‘meu nariz’
[mã nd E:4u]	‘vagalume’
[amu~ Ng iu∇su]	‘algodão’

Como não existem oclusivas sonoras sozinhas nem encontros consonantais em Mawé, as pré-nasalizadas podem ser consideradas alofones tanto dos fonemas oclusivos surdos /p/, /t/, /k/ quanto dos fonemas nasais /m/, /n/, /N/, mas opta-se por considerá-las alofones das oclusivas surdas, pois a língua não possui oclusivas sonoras /b/, /d/, /g/. Portanto, as pré-nasalizadas sonorizam as oclusivas surdas em determinados ambientes.

2.6 Escrita em línguas indígenas (Cavalcanti, M. e Maher, T. M.. 2005)

As línguas indígenas em sua maioria são ágrafas, ou seja, não possuem escrita, e a escrita no mundo de hoje em sociedades contemporâneas é supervalorizada.

No dia a dia nos deparamos com situações de uso da escrita. A fala não é garantia de nada mais e para ter valor, ser garantia, deve ser posta no papel. A sociedade brasileira, letrada, é grafocêntrica.

Nas sociedades indígenas os conhecimentos são apreendidos através da oralidade e da convivência com os mais velhos, nelas não existiu (e pouco existe) a escrita como meio correto de se aprender ou crer em determinado conhecimento. O valor da palavra falada é muito presente, há em tribos contadores de histórias que narram a criação do mundo, a história do povo indígena, e todos param para ouvir o que os mais velhos tem a ensinar, são conhecimentos transmitidos oralmente.

A inserção e a aceitação da escrita nas sociedades indígenas veio juntamente com a escolarização, ambas de certa forma impostas pela sociedade envolvente, que tem a escrita como base das relações de confiança, e o índio, para não ser excluído e ter acesso aos direitos que a sociedade não indígena tem, teve que aprender a utilizar a escrita. Nas palavras de Meliá (1989 *apud* Cavalcanti e Maher, 2005, p. 10), “A alfabetização quer assimilar o índio; o índio quer assimilar a alfabetização, mas para não ser assimilado”.

Ao contrário que muitos pensam o fato de uma sociedade não ter tradição escrita não a faz inferior às sociedades letradas, nem a faz primitivas, não evoluídas ou sem cultura. Ressalte-se que a inserção da escrita em comunidades indígenas varia muito de grupo para grupo, e se em determinada comunidade a escrita desempenha um papel significativo, em outras ela pode não ter importância e não é ninguém, além do próprio grupo indígena, que vai determinar a relevância da escrita em uma comunidade.

No processo de escolarização a escrita pode ser inserida como sendo mais um recurso à disposição dos povos indígenas, mas sem sobrepor-la aos conhecimentos tradicionais transmitidos oralmente, sem oprimir o povo e desmerecê-lo por não ter escrita.

3. RESULTADOS FINAIS

As oclusivas pré-nasalizadas da língua Mawé são três: [mb], [nd] e [Ng]. Os fones que representam transição fonética são sempre ambíguos. As oclusivas pré-nasalizadas são considerados segmentos de contorno, pois caracterizam o processo fonológico de passagem de um ambiente nasal para outro oral com ganho progressivo de vozeamento.

[mEθu~∇mbE]	‘aqui’
[kamu~∇ndi]	‘pote’
[Be~Ngi∇?a]	‘saúva’

3.1 As pré-nasalizadas da língua Sateré-Mawé

A língua Mawé possui doze consoantes assim distribuídas:

	bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	glotal
oclusiva	p	t		k	ʔ
nasal	m	n		ŋ	
tepe					
fricativa		s			h
aproximante	w		j		

Quadro 1 – Fonemas consonantais da língua Mawé
 FONTE: SILVA, 2005

Como se observa no quadro acima, as pré-nasalizadas estão fora do inventário fonológico, pois são analisadas como alofones de oclusivas surdas e nasais plenas.

Piggott (1992) apresenta as oclusivas pré-nasalizadas como resultantes de implementação fonética. São soantes que se opõe a obstruintes. Como o Mawé é uma língua do tipo SV, em que a oposição principal é entre soantes e obstruintes, temos o seguinte quadro:

Obstruintes	p	t	s	k	ʔ		
Soantes	m	n	r	ᵐ	h	w	j

Quadro 2 – Fonemas consonantais da língua Mawé na oposição Soante vs. Obstruinte.
 FONTE: SANTOS, Y.C.S.

A oposição soante vs. obstruinte mostra-se mais eficaz, pois coloca em simetria as oclusivas surdas /p/, /t/, /k/ (obstruintes) com as nasais plenas /m/, /n/ /ŋ/ (soantes), e as pré-nasalizadas como alofones das duas sequências. Opta-se por considerar as pré-nasalizadas como alofones dos fonemas oclusivos surdos

/mya~pia/	-	[muʔãmbi∇a] ‘anel’
/wemõti/	-	[wEmõ∇ndi] ‘vergonha’
/h-e~ku/	-	[hE~∇Ngu] ‘língua dele’
/mãteru/	-	[mãndE∇4u] vagalume

Os espectrogramas a seguir, do programa de análise acústica *PRAAT*, mostram a realização dos segmentos pré-nasalizados

/nd/ :

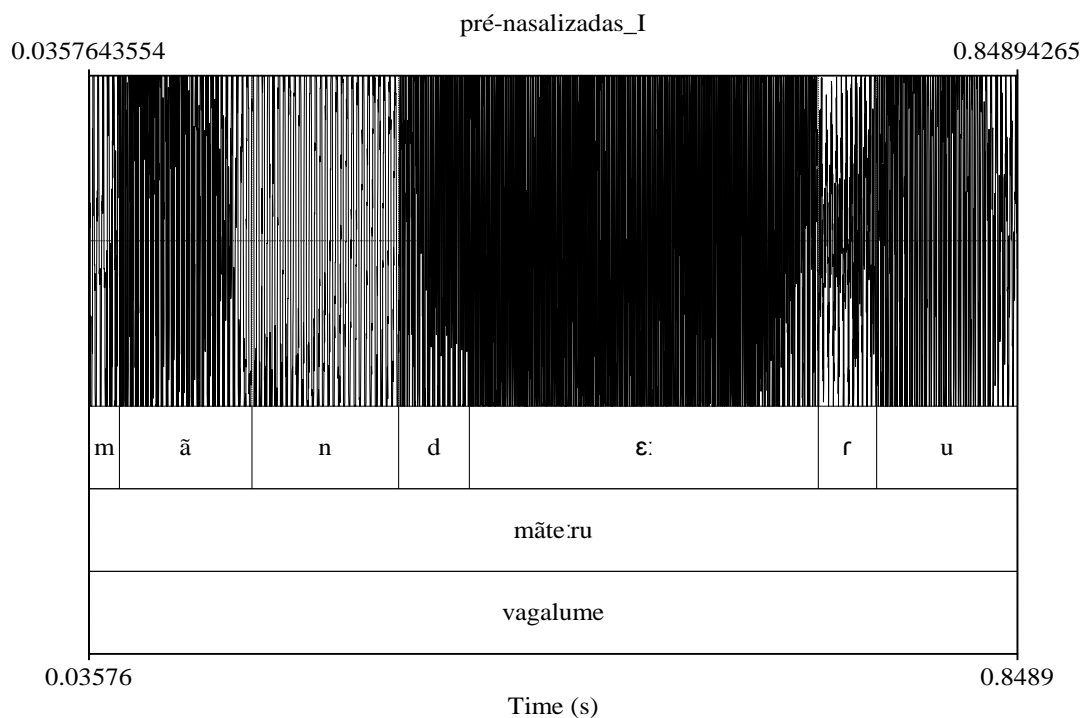


Figura 1 – realização da pré-nasalizada /nd/ com transcrição fonética, palavra fonológica e tradução em português.

FONTE: PRAAT, 5.3.10

/mb/ :

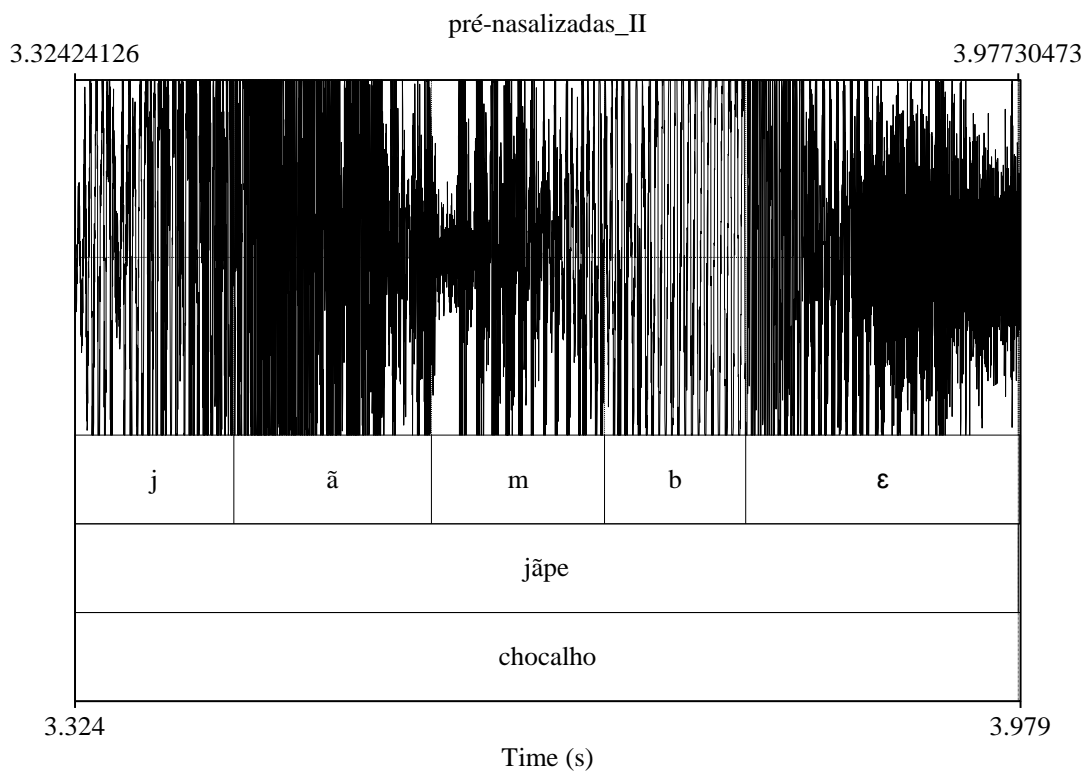


Figura 2 – realização da pré-nasalizada /mb/ com transcrição fonética, palavra fonológica e tradução em português.

FONTE: PRAAT, 5.3.10

/Ng/ :

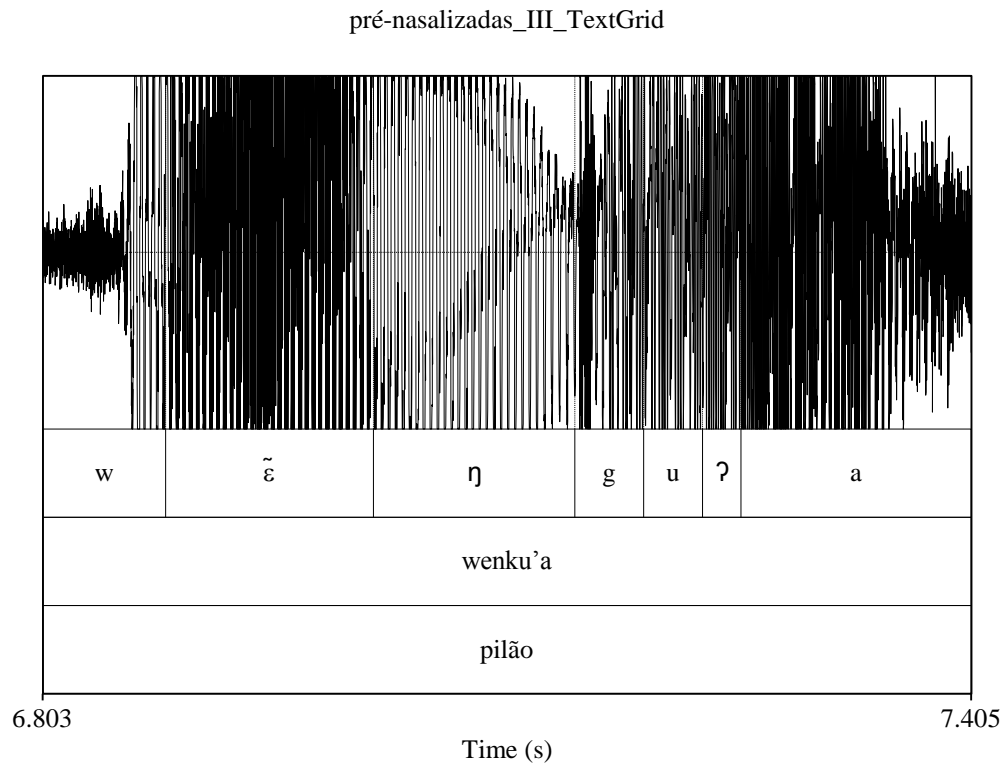


Figura 3 – realização da pré-nasalizada /Ng/ com transcrição fonética, palavra fonológica e tradução em português.
 FONTE: PRAAT, 5.3.10

3.2 Pré-nasalizados formados por processos morfofonêmicos

Costa (2007) explica que é

“... um processo morfofonológico que resulta na criação de um segmento pré-nasalizado através do vozeamento de uma consoante surda inicial do sufixo ou segundo elemento. Isso já havia sido observado por José de Anchieta, no século XVI, nas línguas Tupi da costa, para as velares. (Costa, 2007, p. 92).

Na língua Nhandewa-Guarani as pré-nasalizadas [ŋg] e [ŋgw] são realizações superficiais de /k/ ou /Σ/ e /k/ ou /(g)w/, respectivamente, e só ocorrem em junção de uma vogal nasal da palavra anterior, seguida de consoante dorsal, sendo, portanto, ocorrências fonéticas.

Silva (2005) demonstra que em Sateré ocorre fenômeno semelhante com a pré-nasalizada [ŋg]. Em fronteira de palavra a oclusiva surda /k/ assimila o traço sonoro da nasal que a antecede, e torna-se [g]:

Representação fonológica	/≠?≠	sam	kuriN	kahato/
		‘rio’	‘estrito’	‘muito’
Representação fonética	[≠?≠	sãN	guriN	gahato]
		‘o rio é muito estrito’		

(Silva, 2005, p.74)

3.3 Escrita e segmentos pré-nasalizados da língua Mawé

A definição de ortografia em línguas não é um processo simples nem rápido, a própria língua portuguesa, que possui longuíssima tradição escrita ainda nos tempos atuais revê sua ortografia, exemplo disso é o último acordo ortográfico, que deve entrar em vigor em 2013. O que queremos mostrar com isso é que se hoje, para línguas que tem tradição escrita, o processo continua em andamento, para as línguas indígenas não é diferente.

Existem atualmente duas propostas de ortografia para a língua Mawé. Uma é a Sateré-Mawé Pedagogical Grammar, elaborada por Sue Graham (1995), missionária do SIL. A gramática é composta por XVII lições que ensinam quem se dispõe a aprender a língua Mawé, e apresenta seis vogais orais e seis vogais nasais

a e i y o u / ã e~ i~ y~ õ u~;

e onze consoantes

p t k m n g h s w t ’.

21

A outra proposta é a Satere Mawe Pusu Ag~kukag (2005), uma gramática pedagógica elaborada por doze professores Mawé e outros doze professores colaboradores e coordenada por Dulce Franceschini é resultado do projeto “Elaboração de uma gramática pedagógica Sateré-Mawé”. A gramática possui dois capítulos principais, um que trata da ortografia e o

segundo capítulo trata das classes de palavras. Apresenta dezoito letras do alfabeto, as maiúsculas:

A E G~ H I J~ K M N O P R S T U W Y ?

e as minúsculas:

a e g~ h i j~ k m n o p r s t u w y ?.

São doze consoantes g~ h j~ m n k p r s t w ¹, seis vogais orais a e i y o u, seis vogais nasais ã e~ i~ y~ õ u~, seis vogais longas a↔ e↔ i↔ y↔ o↔ u↔, seis vogais longas nasais a↔↗ e↔↗ i↔↗ y↔↗ o↔↗ u↔↗. Está última claramente não econômica no que se relaciona às vogais da língua, tendo em vista que o alongamento do vogal pode ser um processo fonético e não fonológico ainda não devidamente estudado. Um estudo sobre a nasalidade e o alongamentos das vogais do Mawé ainda precisa ser feito a partir de abordagens específicas que tratem tais fenômenos.

Os segmentos pré-nasalizados da língua Mawé não aparecem na ortografia da língua, mas durante a realização do trabalho em campo, percebemos que há, de certa forma, uma inquietação em relação à ausência desses segmentos na escrita, em vários momentos surgiram questionamentos de que tais segmentos são pronunciados mas na escrita eles aparecem representados pelas letras p, t e k. Em relação a isso, a definição da ortografia de uma língua é preferencialmente feito pelo próprio povo, o linguística, nesses casos, como especialista em linguagem, ajuda no esclarecimento dos aspectos da linguagem a serem considerados quando da definição de uma ortografia que sirva para a escrita de uma língua. Se para o povo Mawé os segmentos pré-nasalizados (alofones), são relevantes em sua escrita, eles mesmos a definirão como escrever, se optarem por não grafá-las e representá-las pelas letras p, t e k, é um direito de escolha que cabe à eles. O que não pode, nem deve ser feito, é impor algo que para eles fará ou não diferença.

¹ o símbolo (?) representa o som da oclusiva glotal sorda [ʔ]

A escrita na sociedade indígena deve ter uma finalidade, em muitos casos ela serve para preservar aspectos da cultura, fatos marcantes de um povo, possibilitar a criação de acervos, criar novos meios de comunicação e material didático, sempre atividades em prol da preservação da cultura do povo indígena.

A leitura e a escrita em língua indígena não pode simplesmente servir de recurso para o aprendizado de língua portuguesa, a comunidade indígena deve ser alfabetizada em sua língua materna, e o português deve ser inserido como Língua dois (doravante L2), isso no caso da comunidade ainda utilizar a língua indígena, mas nos casos em que o português já é a língua materna, esta deve ser a língua de alfabetização. Na maioria das comunidades Mawé, segundo relatos dos próprios professores indígenas, as crianças chegam à escola dominando apenas a língua indígena e do ponto de vista da preservação da língua é importantíssimo que a criança chegue à escola falando a língua indígena. É na escola que as crianças tem contato com a leitura e a escrita, a alfabetização, bem como o letramento, deve ocorrer em língua indígena, como é o caso do povo Sateré.

CONCLUSÃO

Os segmentos pré-nasalizados [mb], [nd], [Ng] da língua Mawé tem uma ocorrência fonética, não tendo distinção de significado no nível fonológico, pois são alofones dos fonemas oclusivos sonoros /p/, /t/, /k/, e não dos segmentos plenamente sonoros /m/, /n/ e /ŋ/, como se poderia esperar. Isso ocorre porque a língua só dispõe de oclusivas sonoras [b], [d] e [ŋ] em nível fonético.

Como podemos perceber, as oclusivas pré-nasalizadas ocorrem após a vogal nasal: após a vogal nasal, para fazer soar o elemento com oclusão no trato vocal, a língua utiliza a nasalidade como processo articulatorio secundário para fazer soar o segmento oclusivo, produzindo assim as pré-nasalizadas, resultado de implementação fonética.

Sobre a grafia da língua, o próprio povo indígena deve decidir acerca de sua língua, os profissionais que investigam os fenômenos linguísticos devem vir das próprias aldeias e cabe a eles próprios decidir sobre sua ortografia, o que é relevante ou não na língua indígena. No caso dos segmentos oclusivos pré-nasalizados [mb], [nd] e [nŋ] esclarecemos sua realização no nível fonético, sendo sua representação ortográfica, uma decisão que cabe ao povo Mawé.

De acordo com as necessidades e visando sempre a melhoria e o bem estar do grupo, os índios decidem o que lhes é melhor, os estudos linguísticos desenvolvidos devem apenas orientar, de maneira clara e transparente, as decisões para que esse processo aconteça de forma segura, garantindo a autonomia e a liberdade de decisão dos povos indígenas.

FONTES E REFERÊNCIAS

ANDERSON, Stephen R. The description of nasal consonants and internal structure of segments. In: *Nasálfest*, pp. 1-25. Ferguson, Charles; Hyman, Larry and Ohala, John (eds.). Stanford, California: Stanford University, 1975.

CARDOSO, V. F. Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani). Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

CAVALCANTI, M. e MAHER, T. M. **O índio, a leitura e a escrita o que está em jogo?**. Linguagem e letramento em foco. (Fascículo do curso de formação de escritores Indígenas). CIEFIEL, UNICAMP. Campinas, 2005

COSTA, C. P. G. Apyngwa rupigwa: nasalização em Nhandewa-Guarani. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

FRANCESCHINI, D. (Coord.). **Satere Mawe pusu ag~kukag~**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

FRANCESCHINI, D. La Langue Sateré-Mawé Description et analyse morphosyntaxique. Tese (Doutorado em Linguística). Université Paris VII (Denis Diderot). Paris, 1999.

GOLDSMITH, John. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass: MIT Press, 1976.

_____. *Autosegmental Phonology*. New York: Garland Press, 1979.

GRAHAM, A. and S. & HARRISON, C. Prefixos pessoais e numerais da língua Sateré-Mawé. (Série Linguística 11). Brasília: SIL, 1984, p.175-206.

GRAHAM, A. & S. Assinalamento fonológico das unidades gramaticais em Sateré. Tradução Mabel Meader. (Arquivos de Anatomia e Antropologia, Vol. III – ano III). Rio de Janeiro, 1978. p. 219-231.

GRAHAM, S. **Sateré-Mawé Pedagogical Grammar**. Summer Institute of Linguistics, 1995.

PIGGOTT, G.L. Variability in feature dependency: the case of nasality. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 10, p. 33-77, 1992.

RODRIGUES, A. D. Die Klassifikation des Tupi-Sprachstammes. **Proceedings of the Thirty-second International Congress of Americanists**, Copenhagen 8-14 August 1956,. Copenhagen: Munsgaard. (tradução: Classificação do tronco linguístico tupi. 12:99-104.1964). 1958a. p. 679-684.

_____. Classification of Tupi-Guarani. **International Journal of American Linguistic**, v. 24, Indiana University, Los Angeles, California. 1958b. p. 231-234.

SILVA, R.G.P. Estudo fonológico da língua Sateré-Mawé. Dissertação (Mestre) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

SILVA, R.G.P. Estudo morfossintático da língua Sateré-Mawé. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

CRONOGRAMA

